

**Gerson Augusto Oliveira Júnior.** *Torém: brincadeira dos índios velhos.* São Paulo: ANNABLUME; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1998.

### **Tremembé, Torém, Etnicidade e Campo Indigenista**

Luena Nascimento Nunes Pereira  
Mestranda em Antropologia Social – USP  
Bolsista da Fapesp

Por toda a década de 80, no Estado do Ceará, pudemos observar um processo de emergência de grupos que se apresentavam como índios, envolvidos em conflitos fundiários e, ao mesmo tempo, pondo em questão a idéia da inexistência de grupos indígenas no território cearense. O mesmo fenômeno tem ocorrido por todo este século na região Nordeste, onde grupos em intenso contato com a sociedade regional e nacional têm se afirmado como índios.

O livro de Gerson Júnior se inclui no desenvolvimento recente de estudos antropológicos e históricos que procuram enfrentar diversas faces dessa indianidade que se expõe no Ceará e no Nordeste: a formação de aldeamentos, o “desaparecimento” dos povos indígenas, a figura do “caboclo”, a emergência e a constituição dos índios como sujeitos políticos, os vínculos entre tradição e inovação, e o fenômeno da etnicidade. Foi fruto de sua dissertação de mestrado em sociologia, defendida em 1997 na Universidade Federal do Ceará, sob a orientação de Sylvia Porto Alegre que recebeu, neste mesmo ano, o prêmio Silvio Romero, concedido pelo Ministério da Cultura/FUNARTE/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

Os Tremembé constituem uma população que ocupa a área do extinto aldeamento de Almofala, datado do início do século XVIII, e alguns núcleos populacionais na região do município de Itarema. O torém, dança pantomímica documentada por folcloristas no século XX e com alguns registros esparsos no século anterior, tornou-se o principal traço acentuador da indianidade dos Tremembé em seu processo de emergência. Tal contexto levanta freqüentemente indagações acerca de um antes e um depois: o que havia em Almofala antes da década de 80? Havia índios? Como era a prática do torém? Quem o dançava, quais os significados que o grupo e a população regional lhe atribuíam?

Fugindo de perguntas fáceis, Gerson Oliveira Júnior discorre sobre o registro histórico dessa dança, o caráter bissêmico desse “traço cultural”, e os efeitos da visibilidade dos Tremembé mediada pelo torém. O autor identifica dois “tipos” de *performances* do torém: “apresentações externas”, quando a dança se dá no contexto estrito de mobilização pelo reconhecimento da indianidade e da terra indígena, e “apre-

sentações internas”, quando o torém se realiza nas várias localidades de Almofala em reuniões costumeiras do grupo. Essa dualidade se expressa ainda na marcada configuração de “dança indígena” nas apresentações externas quando os Tremembé utilizam fartamente cocares, colares e adornos que, em sua concepção, a população regional entende como “vestuário de índio”. A maneira descontraída e improvisada – daí a “brincadeira” – de dançar o torém nas festas do grupo indica a reafirmação de seus laços internos.

O torém era conhecido no meio acadêmico cearense como mera manifestação folclórica de “origem indígena”. Nesse contexto, a dança fora apresentada mais de uma vez fora dos limites de Almofala, chegando a concorrer em um Festival de Folclore em Fortaleza em 1965. A análise diacrônica do torém permite associar a ocupação da terra por “gente de fora” com um período de interrupção da dança em meados dos anos 70. Em 1975, uma equipe da FUNARTE incentivou o grupo a retomar a prática do torém.

No que se refere às “apresentações internas” ou ao “torém para dentro” também percebe-se a interferência de um grupo de missionários leigos organizados em torno da Missão Tremembé (1986), que se tornou um dos principais aliados dos índios em sua mobilização contemporânea. Aqui se evidenciam intrincados canais de transmissão: o torém visto e aprendido dentro de uma rede de parentesco, o torém registrado no livro de um folclorista sendo utilizado no reaprendizado recente da dança e a sua difusão por toda a área de Almofala, posto que era praticado sobretudo por habitantes da parte litorânea da região.

Passando por um percurso quase obrigatório do estudos de etnicidade no Brasil (Roberto Cardoso de Oliveira, Manuela Carneiro da Cunha, Sylvia Caiuby Novaes) e no Nordeste (Maria do Rosário de Carvalho, João Pacheco de Oliveira Filho), o autor aponta as complexas dimensões em que a identidade étnica se põe e se contrapõe, sendo, no caso dos Tremembé, mais que um simulacro (“dançar e vestir-se como índio”), podendo ser interpretada para além da busca por ganhos sociais.

Sendo o primeiro livro publicado especificamente sobre os índios Tremembé, traz uma associação que de forma alguma está em segundo plano no texto, que é a ligação entre grupos étnicos, pesquisadores e outros agentes sociais. À emergência dos índios no Ceará tem correspondido a formação de um campo indigenista no qual atuam missionários católicos, antropólogos, sociólogos, advogados, parlamentares, autoridades eclesiais.

Não foram somente os Tremembé que fizeram da “brincadeira dos índios velhos” um fenômeno contemporâneo. Textos e personagens “velhos” – pesquisadores, missionários, etc. – estão na base de “novas” políticas e produções científicas. Intensos contatos vêm proporcionando modificações na vida dos Tremembé e no cenário regional: entre o grupo indígena e a sociedade circundante e também entre os antigos e os novos saberes acerca dos índios.

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUTI, José Maurício Andion. 1995. "Morte e vida do nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n.º 15, p. 57-94.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. 1993. *Jogos de Espelhos: imagens da representação de si através do outro*. São Paulo, EDUSP.
- RATTS, Alecsandro J. P. 1996. *Fronteiras Invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará*. Dissertação de Mestrado em Geografia. São Paulo, FFLCH-USP.
- SAID, Edward. 1996. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras.